

# A ENCICLOPÉDIA DE 1775 E O SURGIMENTO DA CRÍTICA DA RAZÃO PURA

Estevão Chaves de Rezende MARTINS

Universidade de Brasília

## RESUMO

O autor estuda, em seu artigo, a participação do texto denominado **Enciclopédia Filosófica** e que reunia cursos ministrados por Kant na elaboração da **Crítica da razão pura**. Com esse objetivo, investiga as origens do texto da **Enciclopédia** nascido do debate de Kant com as idéias de Johann Georg Feder. Observa, além disso, a importância atribuída por Kant aos cursos enciclopédicos e mostra como teses propostas nesses cursos se manifestam presentes na **Crítica da razão pura**.

## RÉSUMÉ

L'auteur étudie dans le présent article la participation du texte nommé **Encyclopédie philosophique**, et qui réunissait des cours ministrés par Kant, dans l'élaboration de la **Critique de la raison pure**. Pour atteindre ce but, il recherche les origines du texte de l'**Encyclopédie** né du débat de Kant avec les idées de Johann Georg Feder. L'auteur observe, en outre, l'importance attribuée par Kant aux cours encyclopédiques et montre comme des theses proposées dans ces cours se manifestent présentes dans la **Critique de la raison pure**.

Respondendo ao pedido de seu ex-aluno e amigo Marcus Herz, em dezembro de 1778, que lhe mandasse cópias de seus

cursos, Kant, embora afirme não ter tido tempo suficiente para rever o texto da Enciclopédia filosófica (cfr. XXIV, 956), enviou-a a Herz. A Enciclopédia é um curso que Kant considerava particularmente importante, pois através dela cria poder contribuir para a descoberta de algo com respeito a “um conceito sistemático dos conhecimentos puros do entendimento, na medida em que ela facilite seu surgimento, em nós, a partir de um princípio” (X, 245). Para Kant, ademais, os cursos “enciclopédicos” têm a vantagem de expor, abreviadamente, noções fundamentais que permitem, à reflexão filosófica, clareza sistemática e não apenas mera acumulação. Essa virtude da “Enciclopédia”, na evolução de Kant, foi decerto importante, pois a CRPu guarda traços perceptíveis de teses nela firmadas - à moda de um programa - pelo autor.

Kant ministrou cursos sobre a Enciclopédia filosófica dez vezes (1767/8, 1768/9, 1769, 1770, 1770/1, 1771/2, 1775, 1777/78, 1779/80, 1781/2). Duas outras vezes não chegou a dar cursos, malgrado tê-los anunciado (1785/6, 1787).

O texto da Enciclopédia se desenvolve pelo debate de Kant com as idéias de Johann Georg Feder (1740-1821), de quem - a essa época Kant esperava poder alcançar inspirações frutíferas, como bem anota Gerhard Lehman (XXIX, 662).

Professor catedrático de Filosofia em Gottingen, Feder publicara seu “Esboço das Ciências Filosóficas com a correspondente necessária História, para uso de seus ouvintes” (1767; 2ª, edição em 1769) como “projeto” (Entwurf) das ciências filosóficas. Seu editor, pretextando a comercialização difícil de obras intituladas “Projeto”, sugeriu o título de “Enciclopédia”, que geraria maior sucesso. Feder contrapôs e obteve o uso da expressão “ESBOÇO” (Grundriss), embora não considerasse este texto como boa base para aulas. Por esta razão publicou uma “Lógica e Metafísica”, em 1769 e, em 1770, um “Manual de Filosofia prática”.

As relações entre Kant e Feder são conhecidas sobretudo por causa da assim chamada “Recensão de Gottingen”, primeira discussão efetivamente séria e útil de “Crítica da Razão Pura” (publicada nos “Gottinger Gelehrten Anzeigen”, de 1782), que forçou Kant à elaboração de uma resposta, que são os

“Prolegômenos” (1783). A reação de Kant teve por consequência forte desprestígio de Feder, que acabou por desistir do ensino, em 1797. Feder, na realidade, fora apenas o redator final da recensão originalmente escrita por Christin Garve (1742-1798). Kant manteve-se, no entanto, mais diretamente oposto a Feder, cuja réplica foi o texto de 1787 sobre “Espaço e Causalidade. Exame da Filosofia Kantiana”. Pelas próprias datas, fica claro que Kant deixou de recorrer a Feder e mesmo às aulas sobre a “Enciclopédia” após o surgimento da CRPu. Duas parecem ser as razões deste fato: de um lado, a CRPu absorveu elementos que vinham sendo refletidos por Kant desde a época em que elaborou a Dissertação de 1770. De outro lado, a própria existência da CRPu - a que se acresce a irritação de Kant com Feder - oferecia matéria original, própria ao autor, para seus cursos.

O texto base (369 páginas) de Feder possui três partes: uma introdução à “história filosófica” (1-47), um esboço dos elementos principais da filosofia (Weltweisheit) (47/341) e uma contribuição para a bibliografia filosófica (342-368). Falta-lhe contudo coesão integral, pois trata-se de um texto repleto de pequenas polêmicas típicas da “Aufklaerung” de então. Explica-se assim porque Kant tenha-se atido mais a polemizar, também, por sua vez, acerca de tópicos isolados. Kant utilizou igualmente o compêndio sobre Lógica e Metafísica de Feder, publicado em Gottingen em 1769, além de possuir as *Institutiones logicae et metaphysicae* (1781) e o primeiro volume das “*Untersuchungen uber den menschlichen Willen*” (1779)<sup>1</sup>.

É indício de que as idéias de CRPu já vinham amadurecidas e “prenunciadas”, no texto de Enciclopédia, a existência de várias referências à “crítica da razão pura” (36.<sub>6</sub>36.<sub>11</sub>)<sup>2</sup>, à sua divisão em dialética e analítica ou às antinomias (40.<sub>32</sub>). O texto mesmo se entende por 45 páginas<sup>3</sup>, tratando quinze temas, dos quais dez em torno de questões lógicas, assim distribuídos:

1. Sistema: definição e importância (pp. 3-11)
2. Sobre o “gênio” (pp. 12-13)
3. Lógica em geral (pp. 13-14)

- 3.1 Conceitos natos (pp. 14-16)
- 3.2 Conceitos (16-18)
- 3.3 Juízos (18-19)
- 3.4 Raciocínios (19-20)
- 3.5 Verdade (20-21)
- 3.6 Como chegar à verdade (21-24)
- 3.7 Preconceitos (24-28)
- 3.8 Aprender e pensar (28-30)
- 3.9 História da Lógica (31-32)
- 4. Metafísica (33-42)
- 5. Mônadas (42-44)
- 6. Psicologia empírica (44-45)

Essa temática acompanha os pontos abordados no “projeto” de Feder, mas a independência crítica de Kant aparece logo de início. Enquanto Feder principia por um elemento clássico (sentido etimológico do termo “filosofia”), Kant analisa a noção de “sistema”, fundamental na arquitetura do seu pensar: “Um sistema existe quando a idéia do todo precede a das partes. Quando as partes precedem o todo, surge então um agregado” (5.1-2)<sup>4</sup>. Acerca do “gênio filosófico”, ao qual Feder atribui “um bom coração”, Kant prefere fazer a distinção entre gênio e talento ressaltando que importa mais o talento filosófico, em oposição ao talento matemático. Esse é um ponto em que Kant sempre insiste, até o *opus postumum* (Lehmann, XXIX, 665). Enquanto Feder destaca a relação da filosofia com as “belas artes” (§6), Kant define o filósofo como “artista da razão” (Vernunftkünstler), entendendo-o como “mestre da ciência” (Lehrer der Wissenschaft)<sup>5</sup>. Por esta razão, Kant considera Wolff<sup>6</sup> um “grande artista para a ânsia de saber dos homens” (grosser Künstler für die Wissbegierde der Menschen). A filosofia pertence uma “idéia abscondita” (verborgene Idee) presente em todo e qualquer homem<sup>7</sup>. Como Feder, também Kant exclui da filosofia as ciências que se ocupam da mensuração de grandezas. O termo “filosofia” é relacionado por Feder a seus

“objetos” clássicos, divididos nas partes teórica e prática: lógica, metafísica, física, direito natural, ética, política, destacando apenas o princípio genérico, de que “a felicidade (Glückseligkeit) deve fundamentar os esforços do filósofo, como qualquer atividade” (XXIX, 666). Kant estranha a imprecisão desta afirmativa e não se ocupa dela em pormenor, logo passando à secção subsequente, sobre a lógica. A questão disputada dos conceitos inatos, para Kant fundamental, havia disso desqualificada, no texto de Feder, por uma nota denegando-lhe maior importância<sup>8</sup>. A origem dos conceitos - problema crítico e psicológico decisivo na perspectiva kantiana - é abordada do ponto de vista histórico, em que Kant afirma de Locke: “Enquanto Aristóteles cria que nossos conhecimentos se originam dos sentidos, Locke não ensinava isto, mas que eles surgem por ocasião da percepção sensorial<sup>9</sup>. O tratamento kantiano da Lógica, da divisão em conceitos, argumentos, juízos, se assemelha naturalmente ao de Feder, com exclusão das figuras silogísticas. O conceito de verdade e a doutrina dos preconceitos encontram-se em ambos autores, dando Kant atenção maior a Bacon e concluindo pela “História da Lógica” (diferentemente dos cursos de Lógica, nos quais se começava pela sua história).

Malgrado Kant ter-se atido à seqüência do texto de Feder nesse curso, a Enciclopédia não trata de todos os capítulos daquele. A “Psicologia empírica” encerra o curso de Kant, enquanto Feder continua com a temática clássica do racionalismo alemão: após a questão de substância, segue-se a teoria geral dos corpos, a “potência pensante” (denkende Kraft) como sujeito da substância, a cosmologia, a teologia e a física (Naturlehre). Esta parte é a maior do Grundriss de Feder, após a qual vêm o Esboço da filosofia prática, o Direito Natural e a Doutrina da Virtude. Esses temas são contudo indispensáveis um curso de “enciclopédia”, na segunda metade do século XVIII. Embora Kant ensinasse a física segundo Eberhard, possivelmente (Lehmann, XXIX, 667) a Berliner Physik obedeceu ao roteiro - mais curto - de Feder, apesar de se terem as anotações conservado separadamente.

Estão, no entanto, na primeira parte da Enciclopédia de 1775 os pontos mais interessantes para a história da gênese da

CRPu. A idéia de sistema, consagrando a precedência do todo, aplica-se, por excelência, à ciência ("sistema de conhecimentos", 5.3). A sistemática, a arquitetônica - com a ambição de completude própria ao iluminismo - orienta a CRPu tanto na forma quanto no conteúdo. Kant distingue, no plano formal, entre a ciência historicamente e a ciência racionalmente considerada. Formalmente histórica é a ciência constituída **a posteriori**, pela coleta de dados, difusa ("Polyhistorie") e como "Gellehrtheit" (que podemos, com fundadas razões, entender aqui como "erudição"). A universalidade do conhecimento científico sistemático exprime Kant pelo termo "Pansofia", que usa para designar a ciência racionalmente considerada<sup>10</sup>. Dessarte, toda erudição se organiza, sistematicamente, como **história** e a intuição intelectual da universalidade das causas e das explicações pode ser filosófica ou matemática. Neste sentido, a filosofia fica definida como a ciência racional por conceitos (discursivos), articulada como um "sistema amplo", "enciclopédico", suficientemente explicitado. A Matemática é igualmente uma ciência racional, mas por "construções intuitivas"<sup>11</sup>.

Não basta, contudo, à filosofia, ensinar o conhecimento de conceitos (com o que grande seria o risco de ela não passar de mera "erudição"), mas sobretudo o **método** de filosofar<sup>12</sup>. Ironicamente, Kant lembra que tal exige que o próprio professor saiba filosofar e tenha filosofado ("dazu gehort aber dass der Lehrer selbst philosophiert habe", 6.33-34). Isto é indispensável porque a filosofia tem por objeto todos os conhecimentos do homem sobre (ou de) coisas, pouco importa onde estejam, o que é ingente tarefa que não se resolve pela acumulação histórica. O filosofar é, por conseguinte, condição sem a qual a filosofia não se manteria no nível de "supremo tribunal da razão", tratando das regras do uso correto do entendimento e da razão, definindo suas máximas (regras dos fins) e suas normas (regras dos meios para fins possíveis). Como "legisladora da razão", a filosofia é "doutrina da sabedoria", precedendo assim, metodicamente, todo e qualquer conhecimento humano. Esta concepção paradigmática do filósofo, na visão de Kant, é de fato um "ideal" (Urbild), uma "idéia regulativa" (Der Philosoph ist nur eine Idee) que corresponde ao

papel de um “guia da razão” (Führer der Vernunft), o qual leva o homem à sua determinação. Não basta, todavia, ao filósofo, conhecer as “regras da sabedoria”. Para ser sábio, é - lhe necessário agir segundo elas. Daí não bastar o acúmulo de conhecimentos sobre as coisas, que faria do filósofo um “artista” (um *ordenador* de construtos especulativos, como o matemático). Com este referencial, Kant emite juízos sobre alguns nomes reputados da história do pensamento: Wolff fôra um especulativo, sem contudo chegar à arquetônica ou a ser guia da razão; Rousseau se aproximara do paradigma do verdadeiro filósofo; Epicuro, Zeno e Sócrates foram mais fiéis à idéia da verdade do que os contemporâneos; Platão e Aristóteles não teriam passado de “Künstler der Vernunft”. Ademais exige-se do filósofo, “hoje em dia”, que não seja supersticioso e que não plagie (Nachahmung ist das grosse Gegenteil der Philosophie):

Esta idealização do papel do filósofo no conspecto das atividades racionais vai de par com uma concepção magistral da filosofia, perfeitamente adequada às intenções de Kant expressas na CRPu, ao afirmar querer, enfim, recolocar nos trilhos certos o uso são da razão e, dessarte, dar à noção de crítica seu verdadeiro sentido, demarcando os limites daquela (23. 5-9). Por isso define Kant a filosofia como uma ciência especulativa, cujo objetivo não é nos fazer melhores, mas ensinar-nos a melhor julgar (10. 25-29), organizando-se em reflexão sobre três grandes campos: (1) sobre as faculdades do homem, detendo-se - enquanto filosofia teórica - nas regras do entendimento e - enquanto prática - nas da verdade; (2) sobre os princípios ou “fontes do conhecimento”, que podem ser a priori obtidos, através do entendimento puro (*principia rationalia* objeto da *philosophia pura seu rationalis*) ou a posteriori obtidos através da experiência (*principia empirica*, objeto da *philosophia applicata sive empirica*). As expressões contrapostas “pura” e “applicata” deixara Kant rapidamente de utilizar, embora fossem correntes no racionalismo da segunda metade do século XVIII. Não cabe dúvida, contudo, que a distinção das duas fontes de conhecimento já está aqui claramente estabelecida. Tal se confirma quando na Enciclopédia, Kant reserva à “Filosofia trans-

cidental “ter por objeto a “razão pura” e atribui à “Physiologie” (12.4) os sentidos (“Seelenlehre” ou “Psychologie” e “Körperlehre” ou “Physik”). Tomando tudo o que de racional haja na filosofia, através da “razão pura” (ou, embora originalmente da experiência, considerada desde o ponto de vista da razão pura), dá-se nascimento à metafísica, termo que Kant emprega para designar a filosofia transcendental enquanto “metafísica propriamente dita” (12.2-3), pois seu objeto é dado pela experiência e contemplado pela razão pura. Assim entendida a filosofia transcendental não contém objetos, mas “blosses Denken”: conceitos, leis, princípios, cujas regras são estudadas pela lógica. A “crítica do entendimento e da razão pura” (ibid.) inclui a “teologia transcendental” e a “ontologia” (que, por sua vez, abrange a cosmologia).

O paralelo sistemático da filosofia transcendental pura é a prática. Esta familiar construção Kantiana está claramente descrita na Enciclopédia, de modo também tripartite. A filosofia transcendental prática, em geral, trata do uso da liberdade em si, incluindo a filosofia prática racional e a antropologia prática. A primeira - que Kant já chama de “metafísica dos costumes”, na mesma perspectiva de abordar a a experiência sob o ângulo dos princípios puros - versa sobre o bom uso da liberdade e fala sobre direito, moralidade, obrigação, etc., a partir do conceito de liberdade. A segunda elabora uma teoria ética da virtude (Tugendlehre) que trata do “bom uso da liberdade em função dos homens”.

Quando a filosofia assume plenamente suas ambas funções - pura e prática - eleva-se a seguir a sua determinação maior, que é a de ser “guia da razão” (Führerin der Vernunft). É esta uma tese que caracteriza substantivamente a filosofia kantiana, de tal forma que se pode considerar o curso Enciclopédia como uma espécie de “programa” de trabalho que resumisse, sem preocupações argumentativas mais desenvolvidas, de modo tético, o conjunto de idéias que caracteriza todo o “criticismo transcendental”.

## NOTAS

(1) Warda 48, apud Lehmann, 663 (Introdução e notas. Ver nota 2)



(2) A expressão “crítica da razão pura” já fora utilizada, por Kant, em sua correspondência. (1773: X, 145.19; 1777: X, 213).

(3) Akademie - Ausgabe, 4ª secção, volume XXIX, tomo VI (Vorlesungen), parte I (Kleinere Vorlesungen und Ergänzungen I). Berlim, Walter de Gruyter, 1980.

(4) O conceito de sistema é tematizado sobretudo na Dialética transcendental (Sistema das idéias transcendentais) e o conceito de “todo”, quanto ao seu significado biológico, na Crítica do Juízo (S65).

(5) cfr. XXIX, 8.9

(6) cfr. E. de Rezende Martins: *Studien zu Kants Freiheitsauffassung in der vorkritischen Periode 1747-1770*. Munique, 1976.

(7) Esta “idéia abscôndita” corresponde provavelmente ao “conceito da natureza” da filosofia como um construto orgânico evolutivo, semelhantemente ao da natureza em si ou da natureza humana. Na tradição do racionalismo alemão (Wolff, Crusius, Baumgarten), cuja influência marcou Kant, prevalece a idéia de uma consciência intuitiva do que seja a natureza, pressuposta em todos e em cada um, como uma espécie de “Faktum der Vernunft”.

cfr. H. Mertens: *Kommentar zur Ersten Einleitung in Kants Kritik der Urteilskraft*. Munique, 1975.

(8) “der metaphysisch - logikalischen Streitfrage von den angeborenen Begriffen ist hier kürzlich zu erwahnen, ingleichen einer hypothetischen Erklarung vom Ursprung des Selbstgeföhls und der Unterscheidung seines Ichs von “ausserlichen Dingen” (55). O grifo é meu.

(9) Numa “Lógica” um pouco anterior (Philippi, 1772. XXIV, 338.27 ss.), registrou-se ênfase bem maior, por parte de Kant, com respeito a Locke: “Lock hat den allerwesentlichen Schritt gethan den Verstand Wege zu bahnen. Er hat ganz nene Criteria angegeben.

Er philosophiert subjective, da Wolff und alle vor ihm objective philosophirten. Er hat die Genesin, die Abstammung und den Ursprung der Begriffe untersucht. Seine Logic ist nicht dogmatisch, sondern Kritisich”.

(10) Acerca deste termo (Pansofia), deve-se, sem dúvida, recorrer a Johann A. Comenius (1592-1670), cujas obras com freqüência utilizam esta expressão no título. cfr. Lehmann, 673.

(11) Esta famosa distinção de Kant: “Philosophie namlich ist die Vernunftkenntnis aus blossen Begriffen, Mathematik hingegen die Vernunftkenntnis aus der Konstruktion der Begriffe”. (Logik, G. B. Jasche, X, 23. 12-15; 30-31), aparece aqui encurtada, e não está em Feder, o que sugere o grau de autonomia de Kant, com respeito ao “seu” autor.

(12) 28.21-23: “Die skeptische Methode ist also in spekulativen Enkenntnissen sehr notwendig. Sie ist von der skeptischen Philosophie unterschieden”.